

Por que discutir

# GÊNERO

na escola?



Por que discutir  
**GÊNERO**  
na escola?



Realização



Apoio



# SUMÁRIO

Introdução	05
O que acontece dentro da escola?	06
Dando nome às violências: questionando os padrões que nos limitam	07
Masculinidades múltiplas e saudáveis	08
Buscando respostas para quem somos	09
“Eu caso com essa mulher”... e não quero lesbofobia	10
O “B” não é de BEYONCÉ	11
Qual banheiro a Sophia pode usar?	12
Mudanças na bandeira LGBTQIAPN+	13
A mídia não é o espelho da realidade	14
Nossos traços, nossos fios, nossa história	15
E os relacionamentos abusivos?	16
Amor de quê?	17
Gravidez. Putz, e agora?!	18
Situações de violência de gênero na escola	20
Em briga de marido e mulher... A gente mete a colher!	22
Iceberg da violência de gênero	23
Resistência, feminismos e conquistas	24
Saiba mais	26
Conheça mais da sua quebrada	28
Quem fez este material?	30
Notas	33
Expediente	34



### Enquanto você lê, que tal escutar também?

Aperta o play!

Essa playlist foi pensada para caminhar contigo entre as ideias, os questionamentos e os sonhos que este material traz sobre gênero na escola.



## Olá!

Esta é uma publicação na qual faremos muitas perguntas. Já começaremos com uma: sua escola já te ensinou alguma coisa sobre relações e identidades de gênero?

Se sua resposta for **“não”**, aqui vai outra pergunta: na sua escola ou nos espaços que você frequenta existe, por exemplo, alguma regra que identifica e separa jovens entre **“meninas”** e **“meninos”**? Lembrou de algo?

Agora, pense se na escola você já ouviu alguém falar coisas como: **“comporte-se como uma menina”**, ou **“meninos são melhores em matemática”**. Estes são alguns exemplos de situações em que a escola ensina sobre papéis que **“devemos”** desempenhar com base na identidade de gênero que nos é atribuída — independentemente de como realmente nos identificamos.

Nesse sentido, as relações de gênero são construções sociais que diferenciam o que nossa sociedade entende por identidades **“femininas”** e **“masculinas”**. Ninguém nasce sabendo se gosta de rosa ou azul, nem se vai se chamar Ana ou João. Tudo isso é ensinado, inicialmente, no ambiente familiar e, posteriormente, na escola, nas comunidades religiosas e em outros espaços de convivência, além das redes sociais e programas de TV.

Essas relações também ensinam desigualdades. Já se perguntou por que, para ofender um menino, muita gente o chama de **“mulherzinha”**? Ou por que muitos elogiam falando que ele é **“homem com H”**? Essas ideias expressam preconceitos, discriminações, violências e privilégios de gênero. E tudo isso também acontece nas escolas.

Por conta da iniciativa de setores ultraconservadores da sociedade que buscam impedir que temas como identidade de gênero, sexualidade e desigualdades sejam abordados nas escolas, o Plano Nacional de Educação 2014-2024 não mencionou a palavra **“gênero”** em suas metas e estratégias, de modo que essa disputa continua no planejamento educacional para os próximos dez anos. Será que estão tentando proibir a reflexão crítica e o diálogo entre estudantes, professoras, professores e familiares sobre suas experiências e questões?

Acreditamos que não há escola e educação de qualidade se não houver promoção de direitos iguais, ou seja, se não houver luta pela equidade de gênero! Por isso, resolvemos escrever este material.

As reflexões apresentadas nesta publicação foram inicialmente realizadas por três jovens mulheres negras, estudantes, moradoras da periferia de São Paulo, durante o curso de formação Jovens Agentes pelo Direito à Igualdade de Gênero na Escola (JADIG), promovido pela Ação Educativa entre fevereiro e maio de 2016. Após 8 anos, em 2024, o projeto Equidade de Gênero, uma parceria entre a Ação Educativa com a Fundação FEAC, reuniu jovens das periferias de Campinas e profissionais que atuam com juventude na cidade para uma atualização, que resultou nesta 2ª edição da publicação em 2025.

**Boa leitura!**

RISADAS EXPERIÊNCIA EMPoderAMENTO  
 RESPEITO COMIDAS TRABALHOS VESTIBULARES  
 AMOR  
 AMIGADES CRUSHES  
 RESISTENCIA CONHECIMENTO ESCOLA  
 SUAVE APRENDIZADO DIVERSIDADE  
 CONVERSAS FUTURO CONVÍVIO REPRESENTATIVIDADE ESCOLHAS

## O que acontece dentro da escola?

A escola, como parte integrante da sociedade, reproduz relações de desigualdade entre homens e mulheres; entre pessoas brancas, negras e indígenas; entre heterossexuais, gays, lésbicas e bissexuais; entre cisgêneros, transgêneros, travestis, pessoas não binárias, queer e intersexo; entre pessoas sem deficiência e pessoas com deficiência; entre aqueles com diferentes religiões e diferentes corpos. **Mas a escola também deve combater essas desigualdades, pois tem o objetivo de formar pessoas críticas por meio de uma educação de qualidade**, que contribua para que jovens exerçam sua cidadania e sejam capazes de transformar a sociedade, tornando-a mais justa e igualitária.

RACISMO XINGAMENTOS PRECONCEITO  
 BRIGAS DISPUTA HOMOFOBIA OPRESSÃO CHORO  
 ERROS JULGAMENTOS AUTORITARISMO  
 BAD TRANSFOBIA DOR LESBOFOBIA GORDOFOBIA

## Dando nome às violências: questionando os padrões que nos limitam

Desde muito cedo meninas e meninos são bombardeados para ter um **COMPORTAMENTO CONSTRUÍDO** como feminino ou masculino.

Há muita pressão para se enquadrar nos padrões de beleza e assumir comportamentos “de mulher” ou “de homem”. Que garota nunca ouviu um “feche as pernas”, um “fale baixo”, um “emagreça”? Que garoto nunca ouviu um “homem não chora”, um “legal é ser pegador”, um “seja macho”? Até professoras e professores falam isso. Às vezes, se preocupam em ordenar como as garotas devem se vestir e se comportar para “não chamar a atenção dos garotos”. Mas o que deveriam era ensiná-los a respeitá-las, independentemente do comportamento, roupa ou corpo delas! Muitas garotas se deprimem e se mutilam na tentativa de caber em padrões que limitam e agridem sua existência, enquanto garotos acabam por reproduzir violências e abusos para validarem sua masculinidade.

Por isso, precisamos de um mundo em que todes possam ser o que são e o que bem queiram, quando queiram, onde queiram, sem sofrer violências.

A palavra bullying muitas vezes pode ser usada para encobrir outras violências vividas na escola, como machismo, racismo, homofobia, gordofobia, transfobia, lesbofobia, bifobia e capacitismo.

**É preciso nomear as violências, entender limites e sempre ter em mente que: meu corpo, minhas regras!**

### O que você deixou de fazer por ser menina, menino ou menine? (conta aí para a gente)

Deixei de...

- Sair à noite
- Usar uma roupa que queria
- Jogar futebol
- Expressar sentimentos
- Usar rosa
- Pintar a unha
- Usar brinco
- Ter o cabelo do tamanho que eu quiser

## Masculinidades múltiplas e saudáveis

Quando um homem expressa sentimentos, chora, se recusa a agir com violência ou não se encaixa no estereótipo do **HETEROSSEXUAL DOMINANTE**, conhecido como **HÉTERO-TOP**, muitas vezes ele é visto como “menos homem”. Essa visão rígida da masculinidade, que exige que meninos sejam sempre “fortes” e “machos”, disfarça violências como se elas fossem gestos de “coragem”, reforçando um modelo tóxico de masculinidade.

A sua masculinidade não precisa ser opressora e violenta. Isso não é “natural”. É possível construir **NOVOS** modelos de masculinidade que não sejam machistas. Homens podem e devem aprender a expressar emoções, reconhecer inseguranças, dividir responsabilidades afetivas e **REJEITAR** padrões que os limitam a um papel destrutivo.

É importante lembrar que existem **MÚLTIPLAS MASCULINIDADES** que desafiam esses padrões e mostram outras possibilidades e formas de olhar o mundo e a importância do cuidado uns com os outros. Homens pretos, trans ou homossexuais também irão enfrentar violências racistas, transfóbicas e homofóbicas produzidas pelos próprios homens.

É importante, portanto, que os homens também aprendam a cuidar de si e de outras pessoas, pois a verdadeira masculinidade não está na negação do feminino, mas na capacidade de integrar valores como empatia, colaboração e sensibilidade, independentemente de gênero, raça ou orientação sexual.

**TRANSmasculinidade:** Homens trans são pessoas designadas mulher ao nascer, mas que se identificam com as identidades masculinas ou fora das identidades femininas. Embora possa existir a expectativa de que se pareçam com um homem cis para se validar, isso não é necessário. Um dos desafios da transmasculinidade é descobrir uma identidade fora dos padrões da masculinidade dominante, que reproduzem o machismo.



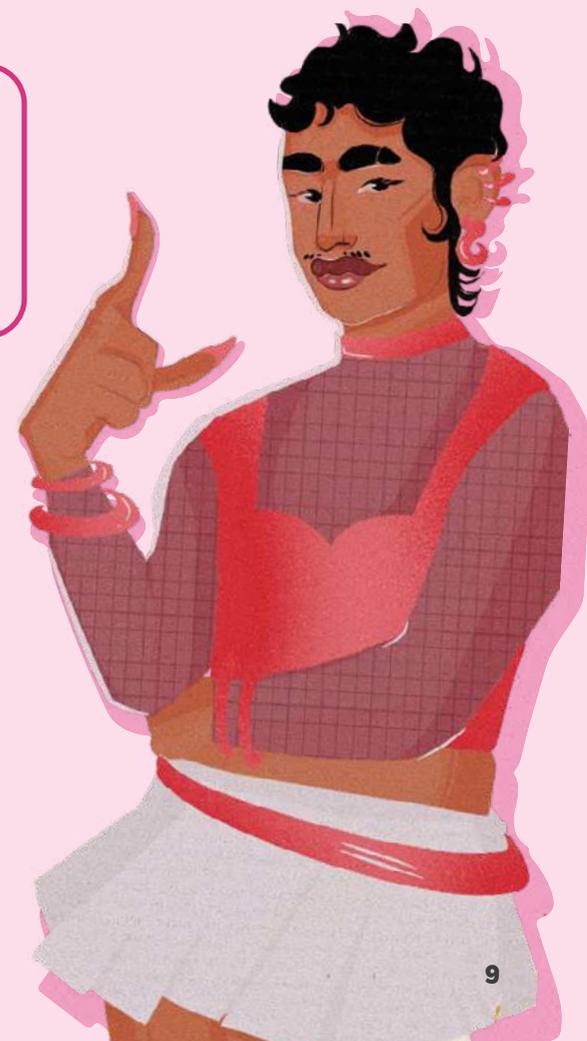
## Buscando respostas para quem somos

Na nossa sociedade o gênero costuma ser apontado desde quando nascemos, colocando crianças com vagina na caixinha do “feminino” e crianças com pênis na caixinha do “masculino”. Porém, muitas pessoas não estão nessas caixas. Na verdade, gênero é como você se sente e se identifica, a partir do que se vive, podendo ser masculino, feminino, os dois, nenhum dos dois, ou algo diferente do padrão social dominante.

Chamamos de pessoas **CISGÊNERO (CIS)** aquelas que se identificam com a caixinha do gênero atribuído no nascimento, de pessoas **TRANSGÊNERO (TRANS)** aquelas que não se identificam com o gênero que lhe foi atribuído, e de pessoas **INTERSEXO** aquelas que nascem com características biológicas (genitais, cromossomos ou hormônios) que não se encaixam totalmente nas definições dadas de masculino ou feminino, e de pessoas **NÃO-BINÁRIAS** aquelas cuja identidade de gênero não se limita aos conceitos “tradicionais” de masculino ou feminino.

**Pega essa:** gênero não só diferencia “meninas” e “meninos”, mas também os coloca numa relação de poder. Em nossa sociedade, é considerado que o masculino **POSSUI PODER** em relação ao feminino. É o que chamamos de **PATRIARCADO**.

Afirmar que o normal é ser isso ou aquilo violenta e oprime quem não se encaixa nessas normas. Precisamos mudar isso! Há muitas formas de sentir, existir, amar e ser no mundo. Todos merecem respeito!



## “Eu caso com essa mulher” ... e não quero lesbofobia

Dentro de uma sociedade patriarcal heteronormativa, a lesbofobia é o preconceito específico contra mulheres lésbicas (trans e cis), resultante do **MACHISMO**, que envolve a não aceitação de mulheres que se relacionam com outras mulheres. É comum na escola que estudantes lésbicas se sintam rejeitadas, ridicularizadas e até punidas por demonstrar seu afeto.

Meninas e mulheres passam por diversas situações de violência, assédio sexual e de hiperssexualização de seus corpos, vistas como objeto de satisfação sexual de homens cis e hétero. Pessoas não binárias e bissexuais, por vezes enfrentam questões parecidas, que se cruzam com preconceitos e violências. Para perceber e dar um nome à combinação de diferentes camadas de opressão é que se criou a palavra **INTERSECCIONALIDADE**.

**Heteronormatividade:** característica da sociedade que supõe os desejos e atitudes heterossexuais como padrão de normalidade e que invalidam outras sexualidades, dizendo que são erradas.

**Lesbofobia:** aversão, violência, discriminação contra lésbicas por conta de sua orientação afetivo-sexual.

**Interseccionalidade:** Quando diferentes formas de preconceito (racismo, machismo, homofobia, etc.) podem acontecer ao mesmo tempo e se cruzam, **como um cruzamento de diferentes ruas**, afetando as pessoas de maneiras únicas. Por exemplo, uma mulher negra e lésbica pode sofrer racismo, machismo e lesbofobia juntos, criando uma experiência específica de opressão.



Ouçá esse som:

**Maldivas - Ludmilla**

## O “B” não é de BEYONCÉ

**BISSEXUALIDADE** é quando uma pessoa sente atração por mais de um gênero, seja homens, mulheres ou pessoas não-binárias. No contexto escolar, pessoas **BISSEXUAIS** muitas vezes sofrem bifobia, que é o preconceito específico contra elas. Isso pode aparecer em frases como “**é só uma fase**”, “**está confusa**” ou “**está querendo chamar atenção**”. Muitas vezes, pessoas bissexuais são estereotipadas como promíscuas ou indecisas.

Já a assexualidade é quando uma pessoa não sente atração sexual por outras pessoas, independentemente do gênero. Isso não significa que as pessoas assexuais não possam ter relacionamentos afetivos ou românticos — muitas têm namoros, casamentos ou conexões profundas, mas sem o componente sexual. Na escola, pessoas **ASSEXUAIS** podem ser alvo de piadas ou pressão para se encaixar em padrões que não fazem sentido para elas, como a ideia de que “todo mundo sente atração sexual”.

Existem várias experiências de sexualidade além das heterossexuais que relacionam de diferentes formas o afeto e o romantismo. **Vale a pena caber no amor sem perguntar, sem medo e sem preconceitos. Por isso, ame!**

**Arromântico:** quando alguém não sente atração romântica, mas pode ter amizades profundas e outros tipos de vínculos.

**Pansexual:** semelhante à bissexualidade (que é a atração por mais de um gênero), a pansexualidade enfatiza que o gênero não é um fator determinante na atração.

**Demisexualidade:** quando só se sente atração sexual por alguém após criar um vínculo emocional profundo.



Para curtir, coloque este som:

**Ver em Cores - Rashid, Liniker**





## A mídia não é o espelho da realidade

De forma geral, a mídia desvaloriza e distorce a participação de mulheres e juventudes na sociedade, especialmente de pessoas negras, indígenas, LGBTQIAPN+, gordas e com deficiências. Essa é a chamada violência midiática, que reforça crenças, valores e comportamentos machistas, racistas, heteronormativos, capacitistas e que aprofundam desigualdades. Historicamente, revistas e programas de TV restringiram o lugar social desses corpos por meio da objetificação, da supersexualização da sua imagem e do enquadramento em estereótipos que limitam a liberdade de “ser quem se é”, reduzindo sua humanidade, o que continua acontecendo nas plataformas e redes sociais.

Assim, são invisibilizados comportamentos e capacidades que não correspondem às expectativas sociais sobre o que é ser mulher ou homem. Isso acontece, por exemplo, quando mulheres gostam de carros, ocupam cargos de liderança ou não buscam um marido, assim como homens que não gostam de futebol ou expressam seus sentimentos e fragilidades.

É preciso romper com esse discurso e valorizar produções midiáticas que representem as pessoas da vida real em suas diversas **formas de ser**.

Faça o teste: pesquise online por “Mulheres bonitas”, “Homens Bonitos” e conte quantas pessoas negras aparecem. Quantas são trans? Há indígenas? Qual tipo de corpo está sendo positivamente representado, o gordo ou o magro? Quantas se parecem com você?

**Objetificação:** tratar a pessoa como objeto, desumanizá-la para poder subjugar-la.

**Estereótipo:** é quando esperam que uma pessoa aja de um jeito só porque ela pertence a certo grupo de pessoas, como se todas as pessoas desse grupo agissem da mesma maneira. Os estereótipos reduzem o que a pessoa é.



## Nossos traços, nossos fios, nossa história

*“A primeira vez que falaram que meu cabelo era duro, dei risada. Ué! Tinha pagado quase cem reais para deixar meu cabelo liso e ele realmente estava. A única coisa que descaracterizava meu disfarce era minha cor. Depois que comecei o processo de transição, quis entender por que me achava feia e queria fingir ser quem não era. Um pesquisada na internet com a palavra “beleza”, uma assistida na novela ou ainda quando pequena, vendo quem são as princesas... Tudo isso me fez notar onde estava o erro, e não era em mim, claro. Faltava representatividade para eu assumir quem era, sem medo dos julgamentos. Hoje vejo o quanto ser negro é lindo, nossos traços, nossa cultura e nossa força. **Trazemos na bagagem muitas histórias de luta, o nosso cabelo é resistência e devemos seguir resistindo aos padrões estabelecidos.** O meu processo de reconhecimento foi inspirado em outras mulheres negras, que amam seus crespos e me deram forças para assumir o meu. É isso que precisamos: incentivo e empoderamento. O cabelo é seu e as escolhas também. Se você escolheu ter cabelo liso, que assim seja, o importante é que essa escolha faça você se sentir bonita e feliz.” (Jheniffer Gomes)*

### Meu cabelo é lindo e me sinto incrível assim!

Crespo, cacheado, liso. 2A, 3B, 4C. Existe uma infinidade de tipos de cabelos. Isso deveria ser algo bom, afinal, todos gostamos de ter algo só nosso. Mas por que algumas pessoas têm dificuldade de aceitar seu próprio cabelo? Tudo o que é diferente do padrão branco, magro e liso é taxado como feio. Daí surge a ideia de cabelo “ruim”. Mas quem disse que esses tipos de cabelo são ruins? A mídia cria um padrão e investe muito para que a sociedade acredite que ele é o jeito certo de ser e tudo o que for diferente é errado.

Mas perai, é errado ser eu? A sociedade reproduz padrões sem perceber que eles machucam e isolam muitas pessoas, levando, por exemplo, **meninas negras a buscarem alisar o cabelo ou rapazes negros a rasparem a própria cabeça**.

Você usa seu cabelo natural? Pois saiba que ele é lindo. Do jeitinho que ele nasceu. Além disso, você também é livre para escolher usar seu cabelo como se sentir melhor: liso, cacheado, black, com tranças, dreads ou até não ter cabelo, se preferir. **Só não deixe de ser quem você é**, porque alguém acha feio. **Seu cabelo, suas regras, ok? Mostre para o mundo o poder de seu cabelo, deixe-o ser livre!**

**Racismo Estrutural:** é quando o racismo está tão presente nas regras da sociedade e instituições (como a escola) que nem sempre percebemos, mas ele afeta a vida das pessoas negras todos os dias, dificultando acesso a oportunidades, direitos, relacionamentos e reconhecimento.



## E os relacionamentos abusivos?

No Ensino Médio é comum presenciar meninas brigando na porta da escola. O motivo: “fulano” que traiu a namorada. Se pararmos para refletir, esse “fulano” sempre é aquele menino que não está nem aí para o relacionamento, desvaloriza a namorada, quebra os acordos da relação, nunca está presente e, durante a briga, fica de longe olhando e rindo.

**Desde cedo, aprendemos padrões que, sem perceber, repetimos na vida adulta. Se crescemos vendo relações sem diálogo, sem respeito aos limites e sem validação dos sentimentos, podemos achar que isso é normal. Mas será que esse modelo realmente faz sentido para nós?**

A nossa cultura é tão machista que faz as mulheres acreditarem que a culpa é sempre de outra mulher. A cultura da masculinidade tóxica isenta os homens de cuidar da relação e ter **responsabilidade afetiva**, o que significa respeitar os acordos e os sentimentos da companheira. Isso também vale para casais **homoafetivos** que às vezes reproduzem relações machistas.

Não é legal agredir outra pessoa. Se alguém te desrespeitou é porque não serve para você. Fique com quem te faz sorrir e não chorar. **Se valorize. Se ame.** Antes de ser plural, aprenda a ser singular. Se você sentir a necessidade de brigar com outra pessoa para proteger sua relação, significa que esse relacionamento não vale a pena. Quando há respeito de verdade, não existe disputa.

O mundo já é bem cruel com muitas pessoas, especialmente aquelas que enfrentam múltiplas opressões. Para pessoas negras, indígenas, pobres, transexuais, lésbicas, as opressões se somam. Meninos negros também crescem sob o peso do racismo estrutural, sendo frequentemente vistos como uma ameaça desde cedo. Então, antes de julgar e brigar com uma outra pessoa, lembre-se que já tem bastante violência por aí.

Repense a violência e tente o diálogo, exercite a **empatia!**



## Amor de quê?

Ficar com muitas pessoas não te faz melhor nem pior. Mas a verdade é que, quando a gente ousa viver a própria sexualidade — principalmente sendo mulher —, o julgamento vem pesado. Se não demonstramos interesse, somos chamadas de “frígidas” ou “mal comidas”; se demonstramos, viramos “vadias”. Enquanto isso, o homem “de verdade” é exaltado como o “pegador”. Dois pesos, duas medidas.

Agora, atenção: não é legal “meter o louco” com quem você está ficando. Se está conhecendo alguém, ou vivendo algo com mais de uma pessoa, o respeito é essencial. Desaparecer, tratar com frieza, dar indireta ou fingir que não se importa pode machucar de verdade. Se tem gente envolvida, tem sentimento envolvido — e isso merece cuidado.

**Ninguém tem o direito de controlar a sexualidade de ninguém. Seu corpo, suas regras! E se você sente que está num relacionamento por obrigação ou pressão, vale parar e se perguntar: o que está te fazendo viver nessa panela de pressão?**

Nem metade da laranja, nem tampa de panela, nem sapato de pé cansado... **Amore, você já nasceu inteira!** Não precisa de ninguém para te completar, só para **SOMAR**.

E lembra: às vezes, o que parece amor é, na real, uma cilada. Preste atenção— abusos também podem vir disfarçados de “paixão”.

Pratique relações saudáveis com atitudes:

- **A pessoa quer o mesmo que você? Pergunte!**
- **Nunca avançar o sinal sem consentimento**
- **Dormiu ou está inconsciente? Então não há consentimento!**
- **Dizer como se sente e ouvir o outro sempre**
- **Não é não!**

## Gravidez. Putz, e agora?!

“Tive medo de ser julgada, desvalorizada e de não conseguir criar meu filho” conta Ester, que engravidou aos 16 anos e enfrentou uma difícil fase da vida. Existe um tabu sobre a sexualidade das mulheres, em especial das adolescentes: quando elas engravidam são duramente sentenciadas e, por vezes, abandonadas pelos parceiros, ficando sem apoio. A falta de políticas públicas que garantam os **DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS** — como acesso a métodos contraceptivos, educação sexual de verdade e acolhimento menstrual — só piora a situação. Tem jovem que nem consegue acesso a um absorvente, imagina conseguir informação segura para se proteger? Isso aumenta (e muito!) o risco de uma gravidez não planejada.

A gravidez pode trazer dificuldades para a continuidade dos estudos, de modo que a escola precisa estar atenta para atender as realidades de adolescentes e jovens mães, evitando que elas abandonem os estudos. Além disso, ninguém engravida sozinha: por que será que tantos meninos não se veem como responsáveis e normalizam o **ABANDONO PATERNO?**

Quando engravidou, Ester não cogitou a possibilidade de abortar. No Brasil, o aborto é considerado crime para a maioria das situações. Em vários países onde o aborto é legalizado, como Argentina, Uruguai, França e Canadá, a decisão sobre o próprio corpo é reconhecida como um direito básico — de **SAÚDE**, de **AUTONOMIA** e de **DIGNIDADE**. Aqui, ao contrário, o aborto legal ainda é criminalizado e tratado como tabu, afetando principalmente mulheres e pessoas que gestam que são negras,

periféricas e indígenas, justamente quem menos tem acesso a serviços seguros. Enquanto as mais ricas conseguem abortar com segurança em clínicas privadas ou até viajar para fora, quem está nas quebradas enfrenta o risco de morrer, ser presa ou julgada. Essa diferença mostra que o debate sobre aborto vai muito além da religião ou da MORAL: ele é sobre justiça social, equidade de gênero e de raça. Legalizar o aborto não é incentivá-lo; é garantir que ninguém precise morrer por decidir viver sua liberdade.

**Muitos jovens se relacionam sexualmente sem ter acesso a informações sobre prevenção de ISTs e uso de anticoncepcionais, pois falta educação de qualidade que trate da agenda dos direitos sexuais e reprodutivos.** A

situação se torna mais difícil quando os pais negam apoio, o que é visto como algo comum. A sociedade costuma cobrar somente ajuda financeira e relevar a falta de responsabilidade afetiva e familiar com a criança. Assim, as jovens sofrem com a sobrecarga e o julgamento permanente quando deveriam ser apoiadas. Mãe, jovem e solteira: “dois contra o mundo”, como diz a música “Negro drama” dos Racionais MCs.



Escuta esse som:

**Você parece com vergonha - AJULIACOSTA**

Uma em cada sete mulheres, com idade próxima aos 40 anos, já fez pelo menos um aborto no Brasil.

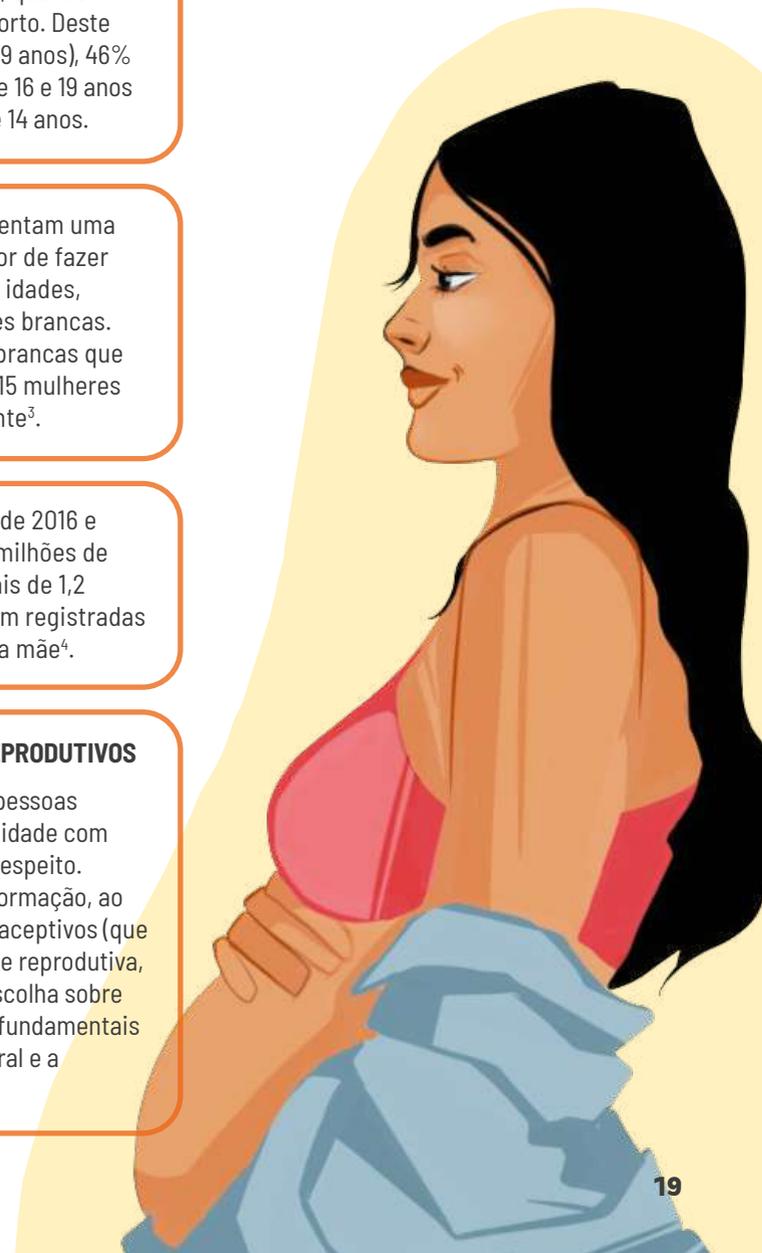
Mais da metade (52%) do total de mulheres que abortou tinham 19 anos de idade ou menos, quando fizeram seu primeiro aborto. Deste contingente (abaixo de 19 anos), 46% eram adolescentes entre 16 e 19 anos e 6% meninas entre 12 e 14 anos.

Mulheres negras<sup>2</sup> apresentam uma probabilidade 46% maior de fazer um aborto, em todas as idades, com relação às mulheres brancas. Para cada 10 mulheres brancas que fizerem aborto, haverá 15 mulheres negras, aproximadamente<sup>3</sup>.

No Brasil, entre janeiro de 2016 e julho de 2024, dos 23,1 milhões de nascimentos, pouco mais de 1,2 milhão de crianças foram registradas somente com o nome da mãe<sup>4</sup>.

### DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

garantem que todas as pessoas possam viver sua sexualidade com liberdade, segurança e respeito. Isso inclui o direito à informação, ao acesso a métodos contraceptivos (que evitam gravidez), à saúde reprodutiva, ao consentimento e à escolha sobre a gravidez. São direitos fundamentais para a autonomia corporal e a equidade de gênero.



## Situações de violência de gênero na escola

**Invisibilização:** “Sou uma jovem negra e não me vejo refletida nos livros didáticos. As figuras femininas, quando existem, são todas brancas. A história oficial só retrata o povo negro no período da escravidão, sempre falam da passividade e nunca da resistência e, se lembram que resistimos, findam a conversa falando de Zumbi. Sou mulher e sou negra, não sou uma coisa ou outra, sou as duas juntas. Não é só a escola que não sabe lidar com a minha condição de raça e gênero, mas nela esperava pelo menos que tentassem”.

**Culpabilização da vítima:** “Como se não bastasse a humilhação de ter fotos íntimas minhas divulgadas na internet por um garoto da escola, percebi o quanto professores/as e a coordenação não sabiam o que fazer nessas situações. Fui punida com suspensão junto com o garoto, mesmo eu sendo a vítima. Descobri que o que ele fez comigo chama revenge porn. Ninguém me disse que isso é crime, pois **estavam muito ocupados me culpabilizando por eu ter confiado nele.**”

**Violação da Dignidade Menstrual:** “Desde que menstruei, sempre tive vergonha de pedir absorventes na escola. Muitas vezes, precisei improvisar com papel higiênico ou até mesmo faltar às aulas por medo de vazamentos. Um dia, senti cólica forte e pedi para sair mais cedo, mas a professora disse que ‘menstruação não é doença’. Eu só queria que a escola entendesse que cuidar da nossa saúde menstrual faz parte do nosso direito à educação. Ter um banheiro adequado, acesso a absorventes e não ser ridicularizada quando precisava ir até a secretaria para pedir um absorvente emprestado, pois isso deveria ser o mínimo.”

**Assédio sexual:** “Desde o começo do ano eu ficava constrangida com os olhares daquele professor. Até que um dia, quando eu estava no corredor esperando a aula, ele passou por mim, olhou para a minha bunda e falou na frente dos meninos: “Essa calça deveria ser proibida aqui na escola, não vê como tira a atenção dos alunos e dos professores?”. Fiquei com tanta raiva que apenas gritei: “e está olhando por quê, seu safado?”. Ele me mandou para a diretoria, eu levei suspensão e ainda fui zoada pela turma. Mas eles estão errados. **O corpo é meu, a roupa é minha e o que eles fizeram é crime!**”

**Transfobia:** “Sou menino trans e vivi uma negação da escola em aceitar minha identidade de gênero direito. Eu entrava no banheiro masculino escondido, não me sentia à vontade de entrar no banheiro feminino, só às vezes, quando não havia ninguém no banheiro e só quando havia meninos no banheiro masculino que [nesse caso] eu usava o feminino.”



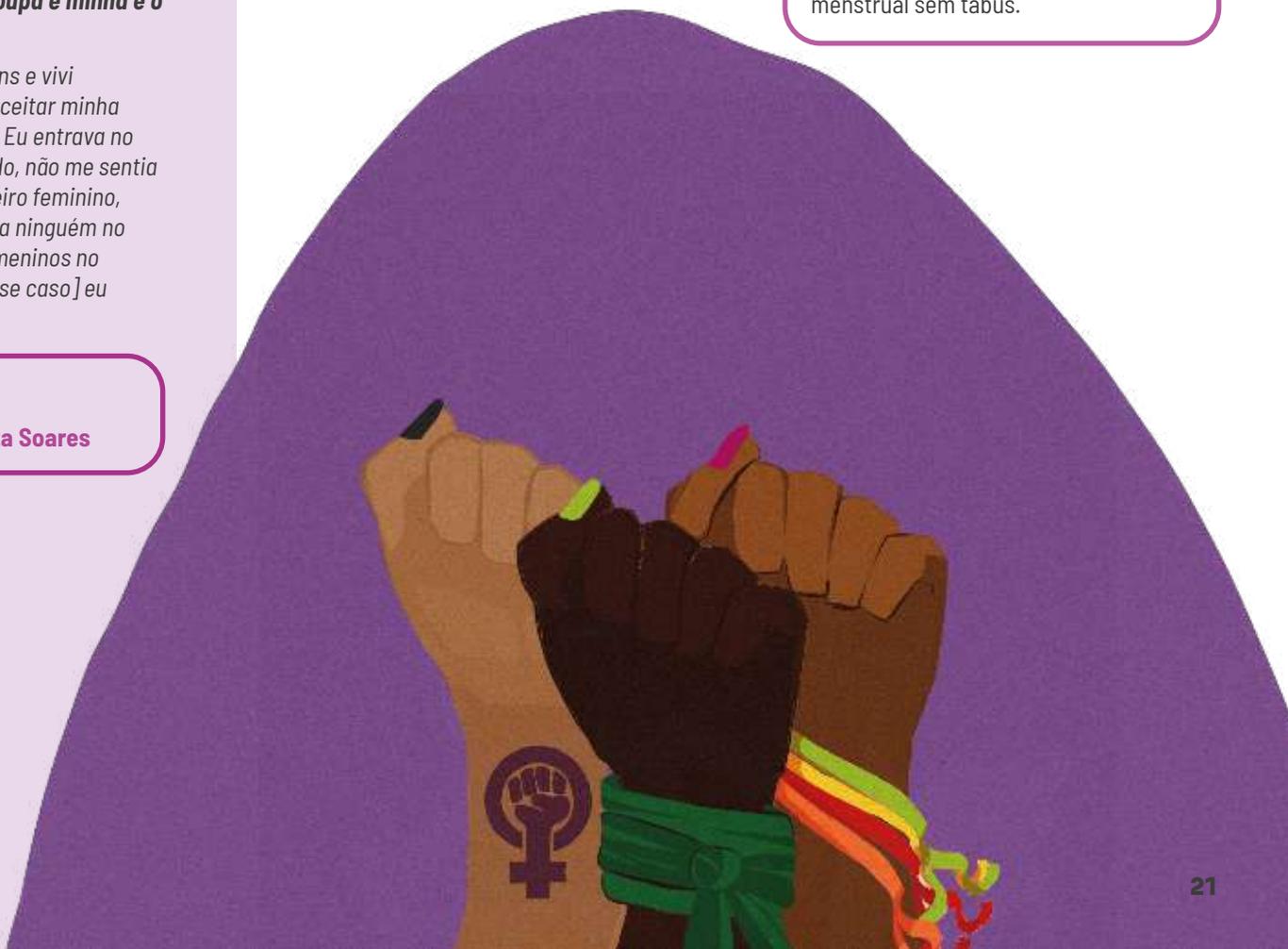
Ouçá esse som:

**O que se cala - Elza Soares**

**Revenge porn (pornografia da vingança):** ato de expor fotos e/ou vídeos de conteúdo sexual explícito ou com nudez sem consentimento das pessoas envolvidas, tratando-se de um crime que deve ser denunciado.

### Direito à Dignidade Menstrual

Menstruantes devem ter acesso a produtos, condições de higiene adequadas e à educação sobre o tema. O Programa de Proteção e Promoção da Dignidade Menstrual garante absorventes gratuitos para estudantes de baixa renda, pessoas em situação de rua e presidiárias. As escolas e serviços de saúde devem fornecer educação sobre menstruação e saúde menstrual sem tabus.



## Em briga de marido e mulher... A gente mete a colher!

Independente da idade, classe social, raça, lugar onde mora, religião e orientação sexual, todas as mulheres têm direito a uma vida sem violência e à proteção da lei.

Grande parte da população já ouviu falar sobre a Lei Maria da Penha. Embora parte das pessoas ache que ela apenas “serve para punir quem bate na esposa”, a Lei 11.340/06 é muito mais do que isso:

**Quem é a Maria da Penha?:** Professora universitária e biofarmacêutica, Maria da Penha Maia Fernandes ficou paraplégica depois de ser brutalmente agredida pelo ex-marido. Ele tentou matá-la duas vezes e só foi preso porque ela apelou para as cortes internacionais de direitos humanos.

**O que é violência doméstica?:** É qualquer ação ou omissão que cause morte, lesão corporal, sofrimento físico, sexual ou psicológico, dano moral ou patrimonial, praticada dentro ou fora de casa, com quem conviva ou tenha convivido.

**Violência doméstica é aquela cometida somente por marido e ex-marido?:** Não, a lei se aplica também a namorado ou ex-namorado. Pode acontecer durante ou depois do fim do namoro, mesmo que não viva na mesma casa. Vale também para os demais integrantes da família: pai, avô, irmão, primos etc.

**A lei se aplica a lésbicas e trans?:** Sim, segundo a lei, todas as situações de violência doméstica e familiar não dependem da orientação sexual e entendem a identidade de gênero de mulheres trans e travestis.

**O que devo fazer em caso de violência doméstica?:** Ligue 180 para realizar o encaminhamento para os serviços de proteção à mulher, e 190 para registrar a ocorrência.

**Outra pessoa pode registrar o boletim de ocorrência ou apenas a vítima?:** Nos crimes de lesão corporal, qualquer pessoa pode fazer o boletim de ocorrência, mas quando se trata de crimes de ameaça, somente a vítima pode fazê-lo.

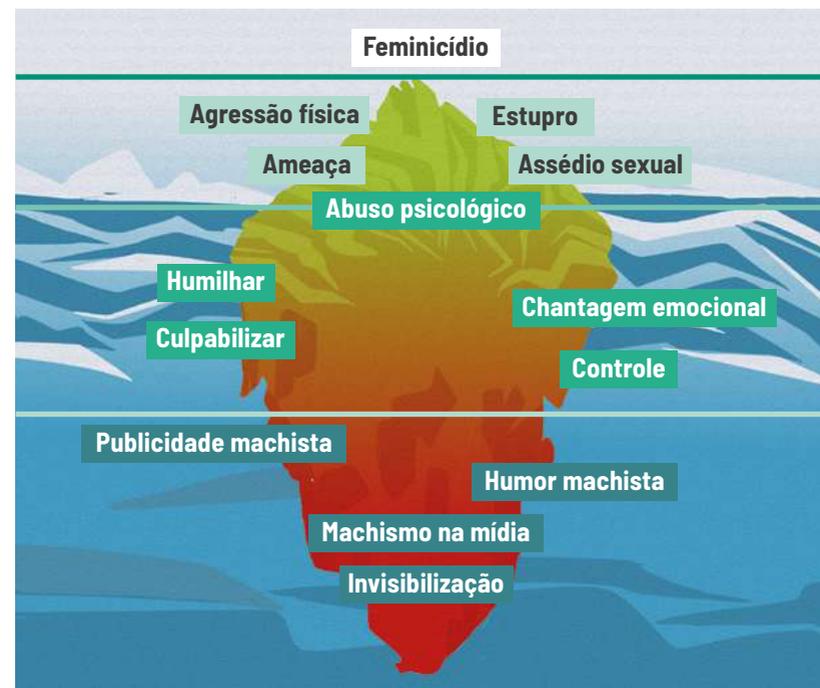
**Por que denunciar e buscar proteção são passos essenciais para prevenir o feminicídio e romper o ciclo da violência doméstica?:** Denunciar e buscar proteção são formas de interromper o ciclo da violência doméstica antes que ele chegue ao feminicídio. É preciso acionar as redes de proteção à vítima e pressionar por políticas públicas que protejam e responsabilizem os agressores. A lei Maria da Penha é, portanto, um marco na conquista de direitos da sociedade brasileira

**Feminicídio:** é o assassinato de mulheres, cis ou trans, cometido por razões de gênero, ou seja, pela condição de ser mulher. É considerado feminicídio quando é demonstrado que a motivação está ligada ao desprezo ou à discriminação em relação à identidade de gênero da vítima.

**Reflexão:** O debate sobre a violência de gênero existe, e é importante pensar também em situações vividas por pessoas não-binárias e transmasculinas na proteção da lei.

## Iceberg da violência de gênero

O machismo mata todos os dias, tanto direta como indiretamente. Abusos psicológicos e difamação são formas de violência difíceis de perceber, mas abalam a autoestima e o desenvolvimento das mulheres. Isso acontece de forma específica na escola, onde adolescentes estão construindo sua vida social e se descobrindo.



O machismo afeta de formas diferentes jovens estudantes. Para os homens, existe um modelo de masculinidade a ser seguido que está vinculado com práticas violentas, dificultando a relação entre os próprios homens, gerando ansiedade, entre outros problemas. E as masculinidades trans nem são consideradas!

É difícil falar sobre violências, mas é fundamental, caso passe por essas situações, buscar ajuda e denunciar. Também é importante apoiar a vítima quando você presencia um ato violento. **Combater o machismo deve ser uma luta de todos!**

### Frases para praticar

“Você está me deixando desconfortável” “Isso não é engraçado”

“Não fale comigo assim” “Você me interrompeu” “Basta!”

“Não sou obrigada” “Não levante o dedo para mim” “Não”

“O problema não sou eu, é a sua atitude.” “Eu mereço respeito.”

## Resistência, feminismos e conquistas

O feminismo, ou melhor, **FEMINISMOS** são movimentos sociais que lutam contra a opressão de gênero, buscando construir a igualdade reconhecendo que as experiências de opressão não são iguais para todas as mulheres. A perspectiva feminista negra e interseccional nos ensina que as **lutas das mulheres europeias brancas pelo direito ao voto, no início do século 20, é apenas uma parte da história**, por exemplo.

Essa visão eurocêntrica e branca invisibiliza a resistência de mulheres negras e indígenas que, no século 16, questionaram e combateram a opressão de gênero desde que foram raptadas e capturadas na condição de escravizadas. **A resistência realizada pelas mulheres negras e indígenas no Brasil possui vínculos profundos com uma luta ancestral por justiça.**

Acreditamos no feminismo que entende o quanto as mulheres são diversas e diferentes em relação à sua classe social, raça e idade. Essas diferenças afetam diretamente como cada segmento de mulheres é oprimido e também as lutas que historicamente promoveram. E foram os feminismos que obtiveram muitas conquistas para as mulheres, e uma delas é podermos escrever este material! **Para você, quais conquistas os feminismos trouxeram?**

## SOMOS!

**SUELI CARNEIRO DANDARA DOS PALMARES MARIELLE FRANCO  
KATIÚSCIA RIBEIRO ROSA PARKS PITY NEGRA LI LAURYN HILL  
JANAÍNA LIMA NINA SIMONE JUDITH BUTLER  
PAGU NZINGA MBANDE ALEXANDRA KOLLONTAI  
LUÍSA MAHIN CAROLINA MARIA DE JESUS REBECA ANDRADE  
DONA IVONE LARA DUDA SALABERT LINN DA QUEBRADA LINIKER  
AMELINHA TELES ANGELA DAVIS MAYA ANGELOU  
CORA CORALINA CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE CONCEIÇÃO EVARISTO  
HELEIETH SAFFIOTI LÉLIA GONZALEZ JOENIA WAPICHANA  
BEATRIZ NASCIMENTO LAUDELINA DE CAMPOS MELO  
DJAMILA RIBEIRO ERIKA HILTON DINA DI SIMONE DE BEAUVOIR  
ROSA LUXEMBURGO MALALA JAQUELINE NASCIMENTO  
KATU MIRIM RUTH DE SOUZA AQUALTUNE**



**Mapulu Kamayurá**

Primeira mulher pajé da etnia Kamayurá, no Alto Xingu, e uma das principais lideranças indígenas femininas do Brasil.

## Saiba mais



### Sites

**Geledés:** <http://bit.ly/1Scn7mK>

**Promotoras legais populares:** <http://bit.ly/1ZS34f4>

**Azmina:** <https://azmina.com.br/>

**Nem Presa Nem Morta:** <https://nempresanemmorta.org/>

**Gênero e Número:** <https://www.generonumero.media/>



### Textos

**Interseccionalidade** (Kimberle Crenshaw)

Sejamos todos feministas (Chimamanda Ngozi Adichie)

**Gênero: a história de um conceito**, de Adriana Piscitelli, no livro *Diferenças, Igualdade*. Heloisa Buarque de Almeida e José Eduardo Szwako (orgs.): São Paulo, Berlandis e Vertecchia editores (2009)

**Um vácuo “cis” na história e a emergência do corpo trans** (Por Neon Cunha & Sara Wagner York) [https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2020/11/ponto\\_debate\\_ed21\\_final.pdf](https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2020/11/ponto_debate_ed21_final.pdf)

**Eu não dou conta só do close, eu gosto do fundamento** (Neon Cunha)

[https://midianinja.org/neon-cunha-eu-nao-dou-conta-so-do-close-eu-gosto-do-fundamento/#google\\_vignette](https://midianinja.org/neon-cunha-eu-nao-dou-conta-so-do-close-eu-gosto-do-fundamento/#google_vignette)



### Indique para sua/seu Professora/or

**Gênero e Educação**

<http://bit.ly/1S61Fv3>

**De Olho nos Planos**

<http://bit.ly/1LbKbfN>



### Livros

**Transfeminismo.** De Leticia Nascimento.

**Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola.** De Michele Escoura, Beatriz Accioly Lins e Bernardo Fonseca Machado.

**Capitolina**, o poder das garotas. Várias autoras.



### Filmes

**Narrativas LGBTQIAPN+**

**Moonlight (EUA, 2016)** – Um retrato sensível da masculinidade negra e da descoberta da sexualidade num contexto de pobreza e violência. [bit.ly/41LAPat](http://bit.ly/41LAPat)

**Tomboy** (França, 2011) – Um olhar delicado sobre identidade de gênero na infância.

**Hoje Eu Quero Voltar Sozinho** (Brasil, 2014) – Romance adolescente entre dois garotos, com acessibilidade (protagonista com deficiência visual) e muita ternura.

**Me Chame Pelo Seu Nome** (Itália/EUA, 2017) – Amor de verão entre dois garotos, com foco na descoberta e sutilezas do desejo.

**Close** (Bélgica, 2022) – Sobre amizade e masculinidade entre adolescentes, com forte carga emocional.

### Interseccionalidade e resistência

**Kabela** (Brasil, 2018) – Um olhar sensível sobre a experiência do racismo vivido cotidianamente por mulheres negras

**A Ciambra** (Itália, 2017) – Juventude romani lidando com racismo e pobreza, com enfoque realista.

**Que horas ela volta?** (Brasil, 2015) – Traz um olhar crítico sobre desigualdade de classe e gênero a partir da relação patroa-empregada.

**Pariah** (EUA, 2011) – Jovem negra e lésbica lidando com autoaceitação e pressões familiares em um bairro do Brooklyn.

### Juventudes contemporâneas, redes e afetos

**Alice Júnior** (Brasil, 2019) – Protagonista trans e adolescente, numa narrativa leve e bem-humorada sobre identidade e afirmação.

**Rafiki** (Quênia, 2018) – Amor lésbico num contexto conservador queniano, com estética vibrante e mensagem de resistência.



### Documentários essenciais

**Bixa Travesty** (Brasil, 2018) – Sobre a performer Linn da Quebrada e a subversão das normas de gênero e sexualidade.

**Se eu fosse você** (Brasil, 2021) – Produzido por jovens, traz vivências reais de adolescentes sobre identidade de gênero.

**A Morte e Vida de Marsha P. Johnson** (EUA, 2017) – Homenagem à ativista trans negra e figura histórica do movimento LGBTQIA+.



### Redes Sociais

**Instagram:**

@nosmulheresdaperiferia

@caminhadalesbi.sp/

@marchadasmulheresnegrassp/

@orgulhotrans/

## Conheça mais da sua quebrada

### São Paulo/SP

**Centro de Defesa da Criança e do Adolescente – Cedeca Sapopemba:** R. Vicente Franco Tolentino, 45 – Parque Santa Madalena, São Paulo – SP, 03982-180, Brasil. Telefone: (11) 2702-2729

**CDCM “Casa Cidinha Kopcak”:** Rua Margarida Cardoso dos Santos, 500 – São Mateus. Telefone: (11) 2015-4195

**CDCM “Casa Anastácia”:** R. Areia da Ampulheta, 101 – Castro Alves – Cidade Tiradentes. Telefone: (11) 2282-4706

**CDCM “Casa Maria Da Penha”:** Rua Sabbado d’Ángelo, 2085, 2º andar – Itaquera. Telefone: (11) 2524-7324

**CDCM “Casa Mulher Ação”:** Rua Luís Lopes Correa, 116 – Guaianases. Telefone: (11) 2557-5646

**CDCM “Casa Zizi”:** Rua Teotônio de Oliveira, 101 – Vila Ema. Telefone: (11) 2216-7346

**CDCM “Casa de Isabel – Projeto Nana Serafim”:** Rua Professor Zeferino Ferraz, 396 – Itaim Paulista. Telefone: (11) 2156-3477

**CISM I “Centro de Integração Social da Mulher I”:** Rua do Fico, 234 – Ipiranga. Telefone (11) 2272-0423

\* **CISM I Centro de Integração Social da Mulher I:** Rua Álvaro Nunes, 184 – Campo Belo – São Paulo/SP. Telefone: 3271-7099

\* **CISM II – Centro de Integração Social da Mulher II:** Rua Ferreira de Almeida, 23 – Casa Verde – São Paulo/SP. Telefone: 3858-8279

\* **CISM III – Centro de Integração Social da Mulher III:** Rua do Fico, 234 – Ipiranga – São Paulo – SP. Telefone: 2272-0423

**Centro de Referência da Mulher 25 de Março:** Rua 25 de Março, 205 – Centro. Telefone: (11) 3106-1100

**Centro de Cidadania LGBT:** Arouche Rua do Arouche, 23, 4º andar, República. Telefone: (11) 31068780. [centrodecidadanialgbt@prefeitura.sp.gov.br](mailto:centrodecidadanialgbt@prefeitura.sp.gov.br)

**1ª Delegacia de Defesa da Mulher – Centro:** Rua Dr. Bittencourt Rodrigues, 200 – térreo – CEP 01017-010 – São Paulo. Telefone: (11) 3241-3328

**5ª Delegacia de Defesa da Mulher – Leste:** Rua Dr. Corinto Baldoíno Costa, 400 – 2º andar – CEP 03069-070 – São Paulo. Telefone: (11) 2293-3816

**7ª Delegacia de Defesa da Mulher – São Miguel Paulista:** Rua Sabbado D’Ángelo, 46 – Itaquera – térreo – CEP 08210-790 – São Paulo. Telefone: (11) 2071-3488

**8ª Delegacia de Defesa da Mulher – São Mateus:** Avenida Osvaldo do Valle Cordeiro, 190 – 2º andar – CEP 03584-000 – São Paulo. Telefone: (11) 2742-1701

#### Outros:

**Casa 1 – Acolhida de jovens expulsos de casa pela família por suas orientações afetivas sexuais e identidade de gênero:** <https://www.casaum.org/>

**TransCidadania:** <http://bit.ly/1Civt5u>

**Museu da Diversidade Sexual:** <https://www.museudadiversidadedesexual.org.br/>

**SOF:** <http://bit.ly/1sGWqgR>

**Biblioteca feminista Cora Coralina:** <https://www.instagram.com/bibliotecacoracoralinasp/>

### Campinas/SP

**Centro de Referência e Apoio à Mulher (antigo CEAMO) – Bonfim, Campinas – SP.** Endereço: Av. Francisco Glicério, 1269 – 6º andar – Vila Lidia, Campinas – SP, 13012-100. Telefone: (19) 3236-3619

**Casa da Mulher Campineira – Centro, Campinas – SP.** Endereço: R. Onze de Agosto, 412 – Centro, Campinas – SP, 13013-100. Telefone: (19) 3735-9499

**Conselho Municipal da Juventude de Campinas – Centro, Campinas – SP.** Endereço: Avenida Anchieta, 200. Telefone: (19) 3755-6010

**Conselho Municipal de Saúde de Campinas.** Telefone: (19) 2116-0184 e (19) 2116-8580

**CRAMI Campinas (Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância) – Vila Brandina, Campinas – SP.** Endereço: Rua Suzeley Norma Bove, 274. Telefone: (19) 3327-0612

**Casa Santa Clara – Bosque, Campinas – SP.** Endereço: R. Clodomiro Franco de Andrade Júnior, 208 – Jardim Leonor, Campinas – SP, 13041-081. Telefone: (19) 3232-7973

**Fundação FEAC – Programa Acolhimento Afetivo – Vila Brandina, Campinas – SP.** Endereço: Avenida Mackenzie, 1835. Telefone: (19) 3794-3500

**Centro Socioeducativo Semente Esperança – Jardim São Fernando, Campinas – SP.** Endereço: R. Crispim Ferreira de Souza, 144 – Jardim Paranapanema, Campinas – SP, 13100-223. Telefone: (19) 3579-1487

**Setor do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS Norte.** Endereço: Avenida Brasil, 1987 – Jd. Chapadão. Telefone: (19) 3735-9060

**Setor do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS Leste.**

Endereço: Rua Álvares Machado, 766 – Centro. Telefones: (19) 3273-7971 / 3272-8333

**Setor do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS Noroeste.** Endereço: Rua Oswaldo O. Barthelson, 417 – Jardim Paulicéia. Telefone: (19) 3232-2477 / 3227-3852

**Setor do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS Sul.** Endereço: Rua Prof. Milton de Tolosa, 425 – Jardim do Trevo. Telefone: (19) 3253-3532

**Setor do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS Sudoeste.** Endereço: Rua Carlos Laet, 141 – Jardim Maria Rosa. Telefone: (19) 3225-6677 / 3733-7552 / 3733-7553

**Centro de Referência da Juventude (CRJ) – Pq. Residencial Vila União – Campinas – SP.** Endereço: R. Dusolina Leone Tournieux, nº 143 – Parque Res. Vila União, Campinas – SP, 13060-769. Telefone: (19) 3223-4840

## Quem fez este material?

### 1ª Edição



**Jheniffer Gomes:** Feminista, saiu da zona leste e foi para a selva de pedra, onde mora na região central de São Paulo. Trabalha com controladoria de organizações do terceiro setor e estudou Serviço Social. Continua confiante na justiça social.



**Aniely Silva:** Lésbica, negra, feminista, estudante que se tornou professora. Sonha com um mundo mais igualitário. Amor, afeto, respeito e empatia guiam sua existência. Acredita no conhecimento e na educação como maiores potencializadores de pessoas.



**Thainá Rodrigues:** Bióloga e mestranda em Ciências, atualmente é professora da educação básica, busca inspirar mentes curiosas e transformar ações por meio do conhecimento. Ritmo, Amor e Poesia guiam sua jornada para não enlouquecer nesse mundo.



**Bianca Cruz:** 39 anos, mulher cis, branca, bissexual e feminista. Estudou e trabalhou nas Ciências Sociais e hoje canta e ensina canto, toca e ensina pandeiro e outras percussões, além de pesquisar o samba e sua cultura, principalmente o que foi e é feito por mulheres.



**Juliana Gonçalves:** Jornalista, articuladora política e ativista. É mestre em Filosofia pela USP, onde analisou o significado do Bem Viver para mulheres negras.

**Paloma Franca Amorim:** tem 29 anos, adora desenhar, fazer samba, escrever e tirar um cochilo.

**Gledson Neix:** 38 anos, designer e criador de conteúdo. Morador da zona leste de São Paulo, corredor de rua, filho de Odé e pai do Cauê.

### 2ª Edição

A atualização deste material foi realizada a partir de uma oficina realizada com jovens e profissionais da educação de Campinas.

#### Participantes:

Billy R. Leal, Theo Simões, Nina Antonelli, Yasmin Oliveira, Grazielly Ferreira, Tayla Silva Leite, Sophia P. Rodrigues, Ivan Eduardo de Araujo, Cristyan Miguel da Silva, Mariana M. Saes, Gabriella Moisés, Rawany Alves da Silva, Sofia C. S. Miguel, Ana Clara Pereira C. A., Bianca Boggiani Cruz, Rebeca Cristina de Souza, Geovana Vitoria Pereira, Francine Romano Acorsi, Fabiana Taroli, Hamilton Z., Nicolas Moraes Venturato, Augusto Cruz, Lorrany dos Santos Dias, Barbara Lopes, Marcelle Matias, Jessica Hellen, Jefferson Rodrigues.

**Projetos parceiros:** Juventudes e Diversidades, Juventudes em Rede e Acolhimento Menstrual.

#### Quem atualizou este material:



**Davi Manoel Carvalho:** 31 anos. Homem trans. Negro. Pansexual. Transfeminista. Nascido em Goiânia, sou o segundo filho do nosso time de cinco irmãos. Professor de História. Mestre em Educação. Membro do Adoráveis - masculinidades pretas. Pesquisador do IBRAT. Colaborador no Preparatório Transviados. Pai da Sushi.



**Isabeli Rocha da Silva:** Oi, eu sou a Isa, futura biomédica, apaixonada por esportes e amadora do handebol. Penso em me especializar em Marketing e Comunicação Social, unindo ciência e estratégia.



**Waléria Simony:** 30 Anos. Amo minha quebrada Lafayette Álvaro. Também sou apaixonada por comunicação e acredito que é possível trabalhar com o que a gente ama <3



**Jessyca Hellen:** 23 anos, mulher negra, feminista e favelada. Contribuo com o mundo como ilustradora, designer e facilitadora de processos criativos. Meu sonho é fazer um mochilão pelo Brasil, e minha música favorita é "Trovoa", do Metá Metá.

## Em memória de: Thais Fernanda Ribeiro

Vítima de feminicídio ocorrido em maio de 2019  
na cidade de Campinas.

**Que a memória de quem nos foi tirada pelo  
feminicídio se transforme em força para mudar o  
mundo. Que sua história nunca seja esquecida e  
inspire a luta por um futuro onde todas as mulheres  
vivam livres e seguras. 🧡🍊**

## Notas

1. <https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/preconceito-e-falta-de-acesso-a-banheiros-aumentam-o-risco-de-infeccao-urinaria-em-pessoas-trans/>
2. “Existem desigualdades raciais em todas as edições da PNAD. São sempre as mulheres negras que mais realizam abortos. São sempre as mulheres negras as mais vulneráveis ao aborto e conseqüentemente ao aborto inseguro. Então, esse resultado vai se somar a outras pesquisas sobre as desigualdades raciais nos direitos reprodutivos, pois as mulheres pretas e pardas são as que mais morrem com procedimentos inseguros. Esse é um debate importante que aponta para a necessidade da descriminalização”, reflete Emanuelle Góes.
3. Aborto e raça no Brasil, 2016 a 2021.
4. Além dos desafios da gravidez na adolescência e do acesso ao aborto seguro, é fundamental garantir políticas públicas que incluam o acolhimento menstrual como parte do debate sobre os direitos sexuais e reprodutivos. O direito à dignidade menstrual é essencial para que as meninas possam frequentar a escola sem medo, sem constrangimentos e com acesso a produtos básicos de higiene. Afinal, educação sexual, acesso a métodos contraceptivos e acolhimento menstrual caminham juntos na construção de uma sociedade mais justa para todos. Fonte: site Conselho Nacional de Justiça (CNJ): <https://www.cnj.jus.br/mesmo-com-mudancas-sociais-e-culturais-ausencia-do-nome-do-pai-no-registro-ainda-e-desafio-no-pais/>.

# Expediente

## Por que discutir gênero na escola?

### 1ª Edição:

**Concepção e redação:** Anieli Silva, Bianca Cruz, Jheniffer Gomes, Juliana Gonçalves, Thainá Rodrigues.

**Edição:** Bianca Cruz e Juliana Gonçalves

**Revisão:** Bárbara Lopes

**Ilustração:** Paloma Franca Amorim

**Diagramação:** Gledson Neix

**Coordenação:** Bianca Cruz

**Realização:** Ação Educativa – Assessoria, pesquisa e Informação

**Apoio:** Norwegian Church Aid e Terre des Hommes

**São Paulo, junho de 2016.**

**Disponível online no link:** [http://bit.ly/jadigs\\_generonaescola](http://bit.ly/jadigs_generonaescola)

### 2ª Edição:

**Concepção e redação:** Davi Manoel Carvalho, Isabelli Rocha da Silva, Waléria Simony

**Edição de texto:** Denise de Oliveira Teófilo, Vanessa Cândida Lourenço, Cláudia Bandeira e Gabriel Di Pierro.

**Leitura Crítica:** Marcelle Matias

**Revisão de texto:** Fernanda Silva e Sousa

**Ilustração:** Jessyca Hellen

**Diagramação:** Henrique Inhauser Caldas

**Coordenação:** Denise de Oliveira Teófilo

**Realização:** Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação

**Apoio:** Fundação FEAC

**Campinas, junho de 2025.**

**Disponível online no link:**

<https://acaoeducativa.org.br/publicacoes/por-que-discutir-genero-na-escola/>

**Realização**



**Apoio**

